



TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

TEATRO SÃO JOÃO
6—9 JUL 2023

qui+sáb—19:00
sex—21:00
dom—16:00

Criação coletiva

direção
André Braga

dramaturgia
Cláudia Figueiredo
Gonçalo Mota

sonoplastia
João Sarnadas

vídeo
Gonçalo Mota

espaço cénico
André Braga
Pedro Azevedo

figurinos
Pedro Azevedo

desenho de luz
Cárin Geada

olhar externo
Daniela Cruz

direção de produção
Ana Carvalhosa

produção executiva
Cláudia Santos
João Gravato

coordenação técnica
Pedro Coutinho

comunicação
Sara Jorge

interpretação
Ana Rita Xavier
André Braga
Gil Mac
Lucília Raimundo
Nuno Barreto
Ramon Lima

coprodução
CiRcoLando - Central
Elétrica, São Luiz Teatro
Municipal, Teatro
Académico de Gil
Vicente, Teatro Aveirense,
Cineteatro Louletano,
Teatro Nacional São João

estreia 16 Jun 2023
Teatro Académico
de Gil Vicente (Coimbra)

Cratera

direção artística

André Braga,
Cláudia
Figueiredo

dur. aprox. 1:25

M/12 anos

Conversa com o Rui
7 Jul

EXPERIÊNCIA DA TERRA – EXPERIÊNCIA DO CORPO

ANDRÉ BRAGA E CLÁUDIA FIGUEIREDO

“CRATERA” ou “KRATERA”,
em crioulo cabo-verdiano:
“KRA-TERRA”.

Seguindo de perto as propostas da Geopoética e de outros autores que trazem o debate das questões ecológicas para um plano mais micro, ligado aos sujeitos, à sua sensibilidade e imaginário, *Cratera* quis procurar experiências intensas de conexão com a Terra que reclamassem outras formas de linguagem e lucidez.

A paisagem vulcânica, pela sua forte dimensão telúrica e proximidade à pulsação e respiração da Terra, foi o território de indagação eleito, tendo-se decidido focar a pesquisa e parte do processo de criação na ilha do Fogo, em Cabo Verde.

O imaginário associado aos vulcões é imenso e poeticamente muito forte e, neste tempo em que a Terra está a fervilhar e em grande ebulição, quisemos evocá-lo e conhecê-lo de perto.

Início, fim, profundo, arcaico. Explosivo, intenso, apaixonado, fecundo e ao mesmo tempo arrasador. A ideia de taça, útero, espaço mais ou menos protegido de rumores, de línguas estranhas, de imaginários intemporais, tem qualquer coisa de mítico e fantástico que nos seduz.

Na dramaturgia da paisagem, interessamos-nos trabalhar no encontro entre a respiração topográfica, a etnoficção e os arquivos biográficos inscritos no corpo de cada um.

Há lavas que correm tão fundo que podem resvalar em sonhos. Nós estamos sempre a voltar. Há um novo horizonte que está sempre a correr e a corroer.

* * *

De entre todas as formas de experiência dos seres humanos, a experiência da Terra, em conjunto com a experiência do corpo, com a qual tem aliás profundas relações, é a mais fundamental, a mais profunda e disseminada, pelo que é também a mais difícil de circunscrever e exprimir.
(Jorge Leandro Rosa)

Experiência da Terra – Experiência do Corpo, foi este o campo de indagação que colocámos no centro do projeto. Novas gramáticas da sensibilidade, respiração topográfica, geofilia, telurismo, estados hipnagógicos, memórias especulativas, os tópicos de um quadro-base com que partimos para o lugar.

“Aterrizar” – o novo verbo proposto por Bruno Latour para debater a necessidade premente de re-aproximação à Terra –, um conceito que adotamos e que fomos torcendo para englobar várias experiências de incorporação da terra, da pedra, da lava, da paisagem.

“O chão que galga em nós”, a imagem forte para dar conta dessa terra viva, movente, com capacidade de se infiltrar em sonhos e pensamentos.

Na abordagem do lugar, interessava-nos instigar uma ficção que reverberasse as constelações que íamos construindo: Atlântida, Badius, Homens-Ocos, Fantasmas do Vulcão.

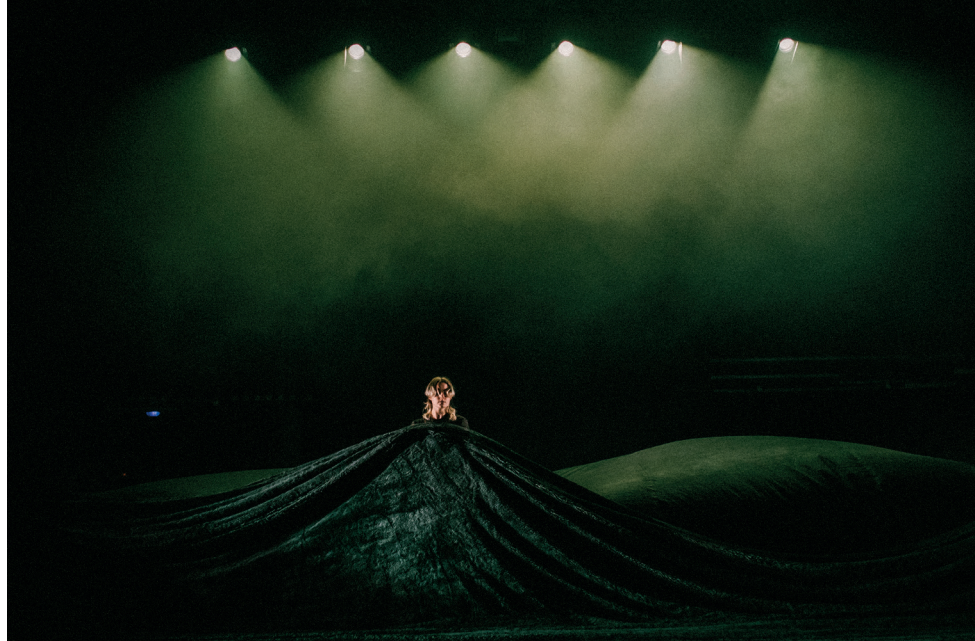
“Os humanos foram destruídos e voltarão a sê-lo de muitas maneiras.”

Não há como negar, e como nos diz Donna Haraway: “Há que aprender a viver com o problema.”

E é aqui que reside fundamentalmente o nosso tributo às gentes da Chã: “O Vulcão é um ser vivo como nós, ele não nos faz mal e quando entra em erupção é um dos acontecimentos mais belos e intensos que se podem ver.”

Esta mesma beleza inqualificável foi o que fascinou Katia e Maurice Krafft, casal de vulcanólogos celebrizado pelas imagens assombrosas que captaram de vulcões em atividade, outra das nossas inspirações.

* * *



Niragongo, Kitsimbanyi, Irazu, Asama, Etna, Vesúvio, Ambrym, Kilimanjaro, Fogo... Existem milhares de vulcões ativos na Terra. Alguns estão em erupção, outros dormem profundamente. Acordam a cada 10 anos... ou a cada 10 séculos.

Toda a história da humanidade pode entrar no sonho de um vulcão.

Leva tempo. Eles têm tempo.

Um dia como outro qualquer. Um dia que é especial por ser o último de um sonho de 100 mil dias. Acorda. Acorda.

Diante da morte, os animais calam-se; os homens respondem. É aqui que o seu destino muda. Estas pessoas que vivem no sopé do vulcão sabem que devemos responder-lhe.

A primeira resposta é mágica, claro. Somente a magia pode parar o tempo, e o tempo é a coisa que mais se parece com a lava. Tem a mesma lentidão obstinada.

Uma vez sonhei com o vulcão e vi gente nesse fogo. Gente. Homens e mulheres. Cozinhavam a sua comida ali. Isso levou-me a crer que há alguém ali, que os seus espíritos estão ali.

Acreditamos que quem morre aqui vai para o vulcão e que o vulcão se torna na sua aldeia. Podemos falar com eles e eles falam connosco.

Os homens-ocos moram na pedra; circulam nela como cavernas viajantes. De dia ficam na pedra e à noite erram pelas montanhas. Nunca veem o Sol, senão rebentariam.

Só comem o vazio, comem a forma dos cadáveres, embriagam-se de palavras vazias, de todas as palavras vazias que nós pronunciamos.

Há quem diga que eles sempre existiram e existirão para sempre. Outros dizem que eles são mortos. E outros dizem que, como a espada tem a sua bainha, como o pé tem a sua geadá, cada homem vivo tem, na montanha, o seu homem-oco a quem se reunirá na morte.

Composição livre com base em
Chris Marker (*O Vulcão Interdito*)
e René Daumal (*O Monte Análogo*).

COSMOGONIAS DO VULCÃO NA PERFORMATIVIDADE GEOLÓGICA

ANTÓNIO FIGUEIREDO MARQUES*

Se a narrativa, numa perspectiva ricoeuriana, tem como condição o tempo, a performatividade depende já não da agentividade, do agir, mas do movimento, dirá Richard Schechner. No entanto, também a performatividade estará associada à temporalidade. Parece, no momento actual, interessar às artes performativas fundamentalmente quatro temporalidades: a molecular, a agentiva, a geológica e a cosmológica, sendo, na verdade, cada uma delas também um tipo de movimento.

O movimento molecular diz respeito à biologia microscópica, seres e partículas ínfimas que rodopiam à nossa volta. Da passagem da *zoe* para a *bios* e desta para a agentividade emerge o movimento efectivamente humano, o gesto. Já o movimento geológico mexe com as tensões tectónicas, seres não vivos, massas de ar e torrentes áqueas. A deslocação cosmológica, visível por representações senão em microescala (Sol e Lua que se levantam e põem, um cometa, um eclipse), coreografa a imensidão celeste e estelar. Tudo está inevitavelmente em transformação, imparável.

Medido em anos-luz, o cosmos expande-se e contrai-se. A velocidade geológica dá-se em intervalos milenares, molda a crosta terrestre, a altitude e a profundidade, rasgos e cicatrizes terrenas. Um tempo de vida (humano), eterno para a mosca, fugaz para a medusa imortal (*Turritopsis nutricula*), agita idadismos e *forever youngs*. Durando alguns dias, as células lábeis subdividem-se por mitose, reproduzindo-se ciclicamente; o ADN espirala. É sempre nesta dimensão movimento/tempo que o humano opera, e por isso as artes aproximaram-se das distintas performatividades, deste ideário mais ou menos metaforizado, imbuídas de um espírito ecológico, pós-infra-e-supra-humano, renovando-lhes o carácter simbólico. Todos os níveis atravessados por uma geopoética, nos antípodas da exploração e da expropriação capitalistas.

É com estas ideias no horizonte e através de três residências artísticas, de Novembro de 2021 a Novembro de 2022, em Cabo Verde, e na ilha do Fogo em particular, que a CiRcoLando constrói esta *Cratera*, qual busca do inumano no humano. Seis intérpretes em palco são engolidos, manipulam e dançam com um pedregulho feito de ar, e com um manto terrestre, aveludado e rugoso.

Poderia, talvez, ser uma espécie de instalação: joga-se um jogo do apagamento do sujeito; este existe como vector de um local, de um imaginário, de um arquivo, e possibilita os objectos-bichos que nascem em cena. O humano surge na sua voz melancólica, distante e hesitante, aqui e ali motivado pela contracena breve: os corpos só o são na medida em que se equiparam aos signos da natureza, às texturas, aos adereços elementais. Há até um corpo que só é corpo por acção do vento; um corpo que o é por torção e às arrecuas; a pele só o é enquanto folha de inscrição do sismógrafo. Os mínimos do humano preenchem o vulcão, a Chã, as ondas, a pedra, as imagens projectadas obtidas na saída de campo.

Na maior parte do tempo, recusando a deliberada ficção, o funaná inicial, que nos recorda que estamos numa geografia cultural, dá lugar a uma deambulação por onde a composição sonora voeja; maquinal electrónico que tem vento e poeira. A contenção e a lentidão dos corpos encontram o som na sua extensão e distensão, gerando um clima penetrante e em crescendo. A luz produz um recorte frio que faz mostrar, e tudo é sempre negro. Uma dramaturgia da paisagem, que se funde na dramaturgia visual, opera a magia onde o negro se transmuta em branco. A cor desponta no meio do escuro vulcânico. O preto responde aos pequenos apontamentos de cor, fugaz.

Em velocidade lenta, como a do vulcão ou a das estrelas, a área de cena apresentada tem um ritmo de grau mínimo, mas em desequilíbrio, sem estatismo. O espectro de cores é na linha do negrume, cortado pela luz crua mas, destacando certas áreas, mostra e tapa.

Um cone aparece-se-nos, insurge-se; mais do que um deus, é um irmão que, da força da violência, cria a fertilidade, a esperança e o garante da continuidade. O lúgubre arrasta-se

a toda a escala. A grande respiração, da celular à telúrica, insufla de vitalidade o espaço vazio. Uma bolsa de ar enchente vai do preto ao branco, do vulcânico ao animal, e depois aligeira-se e rebate-se. O retorno do prenhe e do vazio. Toda a materialidade é sensível ao tacto, é irresistível ao gesto contemplativo. A minha soma não é distinta deste ambiente; igualo-me a esse bicho geológico, que afago, e desapareço. E há também um manto, uma crosta terrestre, panejamento negro que se investe como prolongamento do corpo ou como paisagem. Disposto na primeira linha de palco em comprimento, enforma os flúmenes de lava, retorcidos, rugosos.

Ter um lugar chão não será contraditório com o nomadismo – nomadismo do pensamento, errante, nomadismo das tradições, num só golpe o local-e-global. É por isso que uma pedra, sem sair do seu lugar, pode afinal mover-se, reconta o performer a partir do que ouviu da comunidade local, com quem a equipa privou, partilhando as suas narrações orais.

Nestes anos recentes, através das mediações e dos ecrãs, observámos com deslumbre e temor o drama da vida jorrante, a incandescência da energia do magma tornado lava: Cumbre Vieja em La Palma, nas Canárias, 2021 – primo macaronésio do vulcão do Pico do Fogo; Monte Fagradalsfjall, na Islândia, 2022. Está armazenado em registos audiovisuais e nas memórias recontadas dos seus habitantes, fenómeno ímpar, simbólica e cientificamente: o Vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, em movimento durante treze meses, de 1957 a 1958. Recordemos a recente sessão na Cinemateca Portuguesa dos filmes geográficos de Raquel Soeiro de Brito, pioneira deste género (contudo, “não são filmes, são documentos”, diz a realizadora-cientista), que põe em cena o cinematográfico. *Cratera* não é obviamente *cinéma vérité*, é algo posterior e estendido – o que se resguardou a partir de um local, tão alienígena como familiar.

Nesta *Cratera*, o peso da ilha, do monte, da rocha é sublimado em ar, respiro cosmológico e cosmogónico. Espectadores do *pathos* e da catarse, o espectáculo da natureza comove-nos numa quase meninice de espanto, ao

mesmo tempo que se podem extrair todas as espectacularidades para mais uma atracção turística. Fiel a uma deontologia, este espectáculo não é mero postal.

Uma tela ao fundo vai acolhendo distintas projecções num claro trabalho de criação artística de composição, entrelaçando imagens filmadas, na ilha do Fogo e na cratera do vulcão, e imagens captadas ao vivo em palco, articulando animação com uma simbólica hermética, desenhos e códigos. Tecem-se duas performances: vindo de alhures, do mar e da pedra, a imagem mediada de outro tempo desagua na realidade dos corpos nesta distância presente. O corpo agentivo e biológico, num estado de lucidez e de atenção, é entrevistado pelo corpo geológico que, adormecido, nos vela.

Uma mitologia transversal ocupa o reino teatral e, por fim, mais uma vez o vulcão, que é molusco, que é leucócito, expande-se – o ser alado e telúrico que avança. É a natureza que elimina o ser humano e nunca o contrário.

* Investigador ICNOVA; co-editor do *site* Cratera do grupo Performance & Cognição, NOVA FCSH; performer.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

Diretores artísticos da CiRcoLando – Central Elétrica, um centro de criação e residências sediado no Porto que desenvolve atividade na área dos cruzamentos disciplinares, com enfoque nas artes performativas.

O trabalho no espaço da fronteira caracteriza o percurso desta dupla de artistas, que vêm construindo uma linguagem singular fundada no conceito de transdisciplinaridade. Um diálogo intenso entre a dança e o teatro, com forte apelo aos contributos de outros campos da criação: poesia, artes plásticas, música e

vídeo. A abordagem poética dos universos dramaturgicos, o caráter intensamente físico das propostas e a força das componentes plástica e musical são traços marcantes dos seus espetáculos. Presença forte, assumem também os projetos que trabalham com as comunidades e fazem do território e das pessoas que os habitam a principal matéria criativa.

Corpo-arquivo, memória, ecopensamento, geopoética, paisagem, pós-colonização e os olhares do Sul são tópicos que os ocupam nos últimos tempos.



produção executiva
Inês Sousa

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Andrea Graf

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
coordenação

vídeo
Fernando Costa

APOIOS À DIVULGAÇÃO



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

CiRcoLando – Central Elétrica
é uma estrutura financiada por



APOIOS CIRCOLANDO

Município do Porto
IEFP – CACE Cultural do Porto

AGRADECIMENTOS CIRCOLANDO

Bila, Luciene Cabral, Elena e
Cecílio, Eurico, Edson, Ivo,
Paulo Mota, Sílvia Simões,
José Paiva, Cinema Insuflável,
Ana Barata, Fernanda Araújo

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
João Luís Pereira

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
Estelle Valente
José Caldeira

impressão
Empresa Diário do Porto, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

A lava é fértil.



0 TNSJ É MEMBRO



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

